

Jim e Elisabeth Elliot

Heróis: Legados de Fé da Modernidade—Parte 7

2 Coríntios 5.18–20

Introdução

Wilmer McLean havia se aposentado da carreira militar e se tornado um próspero agricultor e vendedor de alimentos em atacado no estado da Virgínia. Ele fez tudo o que pôde para ficar de fora da confusão da Guerra Civil que se desenrolava na época.

A confusão, porém, o encontrou. Na verdade, a primeira batalha travada entre os exércitos rivais, os confederados do sul e os unionistas do norte, ocorreu precisamente em uma das plantações de McLean. A artilharia da União atirou contra sua casa porque estava sendo usada como base dos confederados. Uma bola de canhão até desceu pela lareira de sua cozinha.

McLean nunca desejou assumir um lado ou outro nessa guerra civil. E já que estava aposentado do serviço militar e não queria saber de nada nessa guerra que eclodia. Ele então vendeu a sua plantação depois da confusão e se mudou com sua família para outra cidade, a quase 200 km de distância, a fim de ficar longe do problema. Lá ele comprou outra plantação e uma casa nova.

Quando o General Lee dos confederados percebeu que teria que se render, ele enviou um auxiliar para encontrar um lugar onde os dois

generais rivais poderiam fazer uma reunião para decidir acordos de cessação da guerra. E esse auxiliar, acredite nisso ou não, bateu à porta da mansão de McLean em sua nova fazenda. Supostamente, McLean disse, posteriormente: “A guerra começou no meu quintal e terminou na minha sala de estar.”

No dia 9 de abril de 1865, a reunião foi realizada em sua sala de estar. Ela durou 2 horas e meia e, quando foi oficialmente finalizada, soldados, oficiais e civis de ambos os lados quiseram lembranças daquela ocasião inédita. Então, quando a cerimônia terminou, membros dos dois exércitos começaram a levar mesas, cadeiras e outros móveis da casa como lembranças, basicamente qualquer coisa que não estivesse pregada no chão ou parede.

O pessoal simplesmente ia dando dinheiro para McLean, o qual ficou na sala reclamando. Um general lhe deu 40 dólares por uma mesa usada para assinar o acordo de paz; outro lhe deu 20 dólares em moedas de ouro pela mesa na qual o general da União havia tecido os termos de rendição do general confederado. Ele mandou um assistente pegar a escrivinha e amarrá-la à sela de seu cavalo. Tanto soldados e civis vasculharam a casa de McLean como se estivessem numa feira, pegando retratos das paredes, talheres, móveis e até cortinas.

Quando tudo terminou e o povo foi embora, basicamente tudo de sua casa tinha ido embora também.

Aqui está um homem que quis ficar longe do conflito, mas o conflito, de fato, começou no seu quintal e terminou em sua sala de estar.¹

Uma das concepções equivocadas a respeito da vida cristã é que deveríamos conseguir evitar conflito com o mundo, que deveríamos viver em condições totalmente pacíficas, que podemos evitar o envolvimento com o conflito travado ao nosso redor pelas vidas e corações da raça humana. Segundo o plano de Deus, cada crente em particular foi alistado para esse serviço. E, para falar a verdade, seu quintal e sua sala de estar pertencem a Deus de qualquer forma.

Todos nós fomos comissionados a ocupar uma posição singular; existem milhares de comissionamentos e posições, dependendo da vontade de Deus para a vida de cada crente em particular, à medida que levamos o Evangelho a um mundo hostil a Deus e fazemos de tudo para ver um acordo de paz assinado entre o pecador e Deus.

O apóstolo Paulo escreveu aos coríntios sobre nosso comissionamento em sua segunda carta. Lemos em 2 Coríntios 5.18:

Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação.

Você percebeu? Deus nos reconciliou consigo mesmo e, em seguida, nos comissionou com esse ministério da reconciliação. Em outras palavras, nossas vidas devem servir como salas de estar onde praticamos e anunciamos o Evangelho de Cristo aos que estão em guerra contra o Criador.

Paulo continua e fala não somente do

ministério da reconciliação, mas também nos informa sobre a mensagem desse ministério. Veja o verso 19:

a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação.

A humanidade é reconciliada com Deus por meio da morte, sepultamento e ressurreição de Cristo. O pecado, isto é, as transgressões que foram pagas por Cristo, não atrapalham mais um possível tratado de paz com Deus.

O Evangelho é uma mensagem de reconciliação, e reconciliação envolve aceitar os termos de rendição oferecidos por Deus por intermédio do tratado de paz tecido por Jesus Cristo na cruz. Nos rendemos, afirmando que ele somente é Deus, que Cristo somente pode nos salvar, que somos pecados carentes de um Salvador. Esse é o ministério no qual nos engajamos e essa é a mensagem que anunciamos.

E no caso de alguém de Corinto ficar com a impressão de que esse ministério e essa mensagem pertencem ao clero, Paulo enfatiza o papel de todo crente. Veja 2 Coríntios 5.20:

De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus.

Somos embaixadores de Cristo, implorando para que o mundo venha à sala de estar e assine esse acordo de paz.

Agora, em geral temos um entendimento deturpado a respeito de nosso comissionamento por causa de uma compreensão errada sobre sermos embaixadores. Pensamos segundo os parâmetros de

hoje: embaixadores passam tempo frequentando banquetes, vestindo ternos ou vestidos de gala, acenando com a cabeça e sorrindo a dignitários estrangeiros que não querem dizer exatamente o que dizem, mas não tem problema, porque nós também fingiremos o máximo possível enquanto assinamos um tênue acordo de paz.

Quando Paulo escreveu essa carta, províncias romanas estavam divididas em dois grupos. Primeiro, províncias que eram pacíficas e que, portanto, não precisavam da presença de tropas militares. Essas eram chamadas de “províncias senatoriais.” O segundo tipo era o das províncias turbulentas. Essa era, tipicamente, a condição de regiões que tinham acabado de ser anexadas ao Império Romano. Essas províncias requeriam a presença de tropas e eram chamadas de “províncias imperiais.”

Embaixadores comissionados a províncias imperiais—e geralmente havia mais de uma nessa condição turbulenta—iam até essas regiões com uma missão: anunciar ao povo local os termos de rendição. O embaixador determinava os limites da nova província e formulava uma constituição para a nova administração. Como disse um historiador, embaixadores eram responsáveis por unir essas pessoas numa só família do Império Romano.²

Que interessante, não é? O embaixador apresenta os termos de paz por parte do rei conquistador e introduz os que se rendem à família do império dominante. Ouça ainda as seguintes características dos embaixadores:

- Eles passavam a vida inteira entre pessoas que falavam um idioma diferente e tinham tradições e estilos de vida diferentes.
- Embaixadores proclamavam uma mensagem bem definida e executavam uma

política definida, mas eram encorajados a ficar alertas para oportunidades de apresentar a mensagem de seu imperador da forma mais atraente possível aos ouvidos do povo.

- Um autor ainda escreveu que o embaixador tinha a enorme incumbência de louvar sua pátria e seu povo entre o grupo onde atuava.³

E nós, por acaso, não fazemos a mesma coisa? Temos uma mensagem bastante definida e aproveitamos todas as oportunidades para promover a glória de nosso Rei àqueles ao nosso redor.

A missão do embaixador não era ser absorvido pela cultura local, mas representar seu país com consistência, elogiar o reino ao qual o povo precisava se submeter. Aqui estão os termos de rendição!

Diante dessa missão e responsabilidades, podemos imaginar como embaixadores do século primeiro não eram admirados, recebidos, aceitos e, sem dúvidas, jamais vistos como pertencentes à sociedade onde serviam, não é verdade? No decorrer da história do Império Romano, muitos embaixadores perderam suas vidas na missão.

Certamente, no decorrer da história do Cristianismo, os que foram a províncias distantes pela causa do reino de Cristo frequentemente perderam suas vidas. E, a propósito, o número de mártires pelo Evangelho não está diminuindo, mas aumentando exponencialmente. Estimativas conservadoras feitas por agências missionárias afirmam que o número de mártires cristãos ao redor do mundo está em torno de 176 mil por ano; ou seja, 482 por dia e um a cada 3 minutos!

Isso significa que, quando eu tiver terminado esta mensagem, quase 7 irmãos em Cristo, em

algum lugar do mundo, terão morrido por causa de seu testemunho público como embaixadores de Cristo. A maioria deles jamais será manchete nos jornais; suas mortes ficarão fora dos holofotes. Mas não se engane: eles serão recebidos na glória celestial e receberão uma coroa especial (Apocalipse 2.11).

Por algum motivo, as mortes de 5 missionários da Missão Novas Tribos nunca foram noticiadas nos jornais. Eles tentaram alcançar uma tribo bárbara na Bolívia em 1943 e todos os 5 foram mortos. 13 anos depois, as mortes de outros 5 missionários mártires reverberariam poderosamente na comunidade cristã do mundo inteiro. Uma revista americana publicou um artigo de 10 páginas sobre os 5 e Deus usaria tremendamente suas mortes para incentivar igrejas a enviar centenas, ou até milhares, de indivíduos para a obra missionária. Seus nomes: Roger Youderian, Peter Fleming, Ed McCully, Nate Saint e Jim Elliot, sendo este último o mais famoso dentre os 5.

Jim Elliot se tornou o mais conhecido principalmente por causa do relato contado por sua esposa, Elisabeth Elliot. Ela escreveu dois livros e acabou até fazendo um programa de rádio internacional. Elisabeth e a irmã mais velha de Nate Saint entraram em contato e até moraram entre os Aucas, a tribo indígena que despedaçou sua família ao matar os 5 homens com lanças nas margens de um rio, no coração da floresta no Equador em 1956.

Permita-me voltar um pouco na biografia de Jim e Elisabeth para contar como os dois aceitaram o comissionamento de servir como embaixadores de Cristo numa terra estrangeira.

Jim e Elisabeth se conheceram na faculdade cristã de Wheaton enquanto cursavam um programa de Grego; o objetivo era realizar algum ministério

como linguistas entre povos não alcançados. Elisabeth escreveu posteriormente:

Havia esse aluno na faculdade; ele chamava minha atenção cada vez mais. Meu irmão Dave vinha me encorajando a conhece-lo melhor. Esse rapaz e meu irmão faziam parte do time de luta da faculdade; então, fui assistir a uma partida para supostamente ver meu irmão lutar. Mas eu acabei caindo na risada junto com a plateia, rindo de Jim Elliot, apelidado de “homem-borracha” porque os adversários poderiam dar um nó nele, mas não o conseguiam imobilizar sobre o tatame.

Percebi que Jim fazia parte de um grupo de missões internacionais que se reunia na faculdade; ele era animado, sincero e comprometido com a obra missionária. Eu o via nas filas do refeitório, segurando nas mãos pequenos cartões; estava decorando verbos gregos ou versos bíblicos.

Finalmente, meu irmão o convidou para passar o Natal em nossa casa com nossa família e nós dois ficávamos conversando por muito tempo depois de todos já terem ido dormir. Quando as aulas voltaram, comecei a ficar na expectativa de ele se sentar ao meu lado de vez em quando; e ele se sentou, com bastante frequência, mesmo quando tinha que passar por cima das outras pessoas para pegar o lugar ao meu lado.⁴

Finalmente, Jim expressou desejo de se casar com Elisabeth, mas estava convicto de que Deus queria que ele fosse primeiro para o Equador para aprender a língua do povo. Elisabeth também foi servir como missionária numa área próxima. Os dois decidiram esperar para se casarem somente depois que tivessem aprendido a língua, a fim de que o casamento, vida no lar e responsabilidades de

criação de filhos não interferissem no aprendizado da língua e não atrapalhassem o maior desejo que tinham de servir como embaixadores pela causa de Cristo no meio do povo Auca.

Finalmente, 5 anos depois do pedido de casamento, Jim e Elisabeth se casaram no Equador. Pouco tempo depois, Jim e outros 4 colegas missionários iniciaram contato com os aucas. Essa era uma tribo primitiva e violenta de índios que se orgulhavam de quantos homens já tinham matado com lanças. Roger, Ed, Peter, Nate Saint o piloto e Jim Elliot passar am meses estudando mapas da floresta do Equador. Eles estavam bastante cientes da tentativa anterior de alcançar uma tribo feroz na Bolívia 10 anos antes, na qual todos os 5 missionários da Missão Novas Tribos foram mortos brutalmente. Um autor escreveu: “Eles sabiam o risco que assumiam; eles não buscaram aquele sonho por impulso. Eles arriscariam suas vidas porque criam com convicção que este era seu chamado: deveriam ser embaixadores de Cristo, mesmo que isso significasse que perderiam suas vidas.”

Então, os missionários começaram a sobrevoar a aldeia, deixando presentes para os índios. Eles também instalaram um enorme alto-falante no avião e gritavam: “Somos amigos... somos amigos.” A equipe encontrou um banco de areia às margens de um rio próximo, onde pousaram o avião. Por fim, conseguiram estabelecer contato com algumas mulheres da tribo. Tudo corria maravilhosamente bem e a equipe estava animada.

Daí, no dia 8 de janeiro de 1956, eles voaram novamente para o mesmo local, depois de terem visto uma dúzia de guerreiros andando numa trilha que conduzia ao banco de areia onde tinham antes pousado. Dentro de minutos após terem feito contato, o massacre começaria—violenta e inesperadamente. Apesar de todos os missionários

estarem armados, eles tinham decidido que não atirariam em nenhum dos guerreiros, mesmo estando sob ataque. Nate Saint tinha dito à sua esposa e ao filho: “Decidimos que nós não podemos mata-los; eles não estão preparados para o céu... nós estamos.”

Anos depois, Steve Saint, o filho de Nate, se sentaria ao redor de uma fogueira com vários desses guerreiros, agora crentes e discípulos comprometidos de Cristo. E, pela primeira vez depois de muito tempo, eles relataram a Steve os acontecimentos daquela tarde. Os índios lembram de terem ficado abismados que os missionários não atiraram neles com suas armas, mas deram tiros para o ar somente; que um dos missionários simplesmente assistiu enquanto um dos guerreiros saía do rio para mata-lo com a lança; e que outro missionário implorou aos índios na língua deles: “Não estamos aqui para feri-los; por que estão nos matando? Não iremos feri-los.” Um dos índios disse a Steve: “Se tivesse ido embora, ele teria sobrevivido.” Mas todos eles morreram naquela tarde.

Meses depois, Elisabeth Elliot, sua irmã mais nova e Rachel Saint (irmã de Steve), conseguiram fixar residência entre os aucas, graças a uma garota índia que tinha fugido dali, se convertido a Cristo e conduzido as missionárias à aldeia. Essas mulheres morariam entre os índios por muitos anos, adaptando-se às dificuldades de uma vida totalmente primitiva, a fim de lhes proclamar o Evangelho e traduzir as Escrituras para a língua desse povo. A própria Elisabeth conduziria a Cristo dois daqueles guerreiros que tinham martirizado seu marido e os demais colegas.

Anos depois, Elisabeth recordaria e escreveria:

Quando eu estava ao lado daquele rádio de ondas curtas, no meio da floresta no Equador,

ouvindo a notícia de que meu marido estava desaparecido, Deus trouxe à minha mente as palavras do profeta Isaías: “Quando passares pelas águas, estarei contigo.” A ausência de Jim me arremessou, forçou, apressou em direção a Deus, minha única esperança e refúgio. Posso dizer que o sofrimento é um meio insubstituível por meio do qual aprendi uma verdade indispensável: que ele é o Senhor.”⁵

9 anos após o martírio desses 5 homens, o Evangelho de Marcos foi publicado na língua aucas. Uma igreja já tinha sido estabelecida e o pastor da igreja era um dos guerreiros que tinha matado a equipe. Seu nome era Kimo e—acredite nisso ou não—ele pessoalmente batizou Steve Saint, o filho de Nate, naquele mesmo rio. Não existe outro jeito melhor de ilustrar o ministério da reconciliação do que assim.

Um autor escreveu: “Deus tinha usado esses mártires, uma esposa e irmã dos missionários mortos para se reconciliarem com os aucas e lhes levar a maior reconciliação da salvação em Cristo.”⁶

Steve Saint e sua família se mudaram para o Equador em 1995 para construir um aeroporto e um hospital para as tribos da região, inclusive para os aucas. Pouco mais de 15 anos atrás, Steve publicou a conversa que teve com os guerreiros ao redor daquela fogueira. Um dos guerreiros aucas, a essa altura já idoso e que tinha participado na morte de Jim Elliot e do próprio pai de Steve, contou uma história confirmada por vários outros guerreiros e mulheres que presenciaram os acontecimentos na areia do rio naquela tarde.

Eles falaram que ouviram música—música estranha. Enquanto os missionários estavam caídos na areia do rio já mortos ou morrendo, os índios começaram a ouvir música; quando ergueram os

olhos, viram, junto às árvores, uma multidão de “cowodi,” a mesma palavra para “estrangeiro” ou “missionário.” Um índio descreveu esse coral como luzes que se movimentavam ao redor e brilhavam, um céu repleto de besouros da floresta, semelhantes a vaga-lumes, só que com uma luz mais forte e que não piscava.

Uma das mulheres que testemunhou o acontecido disse a Steve Saint que se escondeu numa moita durante o ataque e, depois que terminou, ela viu “cowodi” cantando sobre as árvores. Ela disse: “Não sabíamos que tipo de música era aquela, até que ouvimos gravações tocadas por Rachel Saint. Quando veio morar conosco, ela trouxe um toca-fitas e ela tocava para nós músicas de corais cristãos.”

Foi essa a música que os índios ouviram.

Steve disse: “Aparentemente, todos os participantes viram essa multidão brilhosa no céu e perceberam que deveriam ficar com medo porque sabiam que era algo sobrenatural.”⁷

Evidentemente, ali mesmo na margem daquele rio, um exército celestial chegou para testificar sobre esses embaixadores que agora iam para casa; eles iam para o lar ao som de música, deixando para trás seu posto na terra em direção à pátria celestial.

Raramente, Deus faz algo dessa natureza; talvez faz isso às vezes para fornecer evidência tangível de que Cristo venceu o mundo, mesmo quando seus embaixadores se encontram deitados mortos sobre a areia de um rio. E isso serve de evidência que nós também, seus embaixadores, recebemos a inigualável honra de representar seu reino eterno e vitorioso, proclamando para o nosso mundo os termos de rendição e paz com Deus, a custo de nosso próprio conforto, planos, desejos e, talvez, vidas.

Como discípulos de Cristo, esse é o nosso ministério, essa é a nossa mensagem. Somos seus mensageiros. Como embaixadores, anunciamos a

mensagem de como o mundo pode ser reconciliado com Deus, através de Cristo Jesus, nosso Rei conquistador e já vitorioso.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 03/11/2013

©Copyright 2013 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ Adaptado de www.wikipedia.com/wilmer_mclean.

² William Barclay, *The Letters to the Corinthians* (Westminster, 1975), p. 210.

³ Ibid.

⁴ www.reneeannsmith.com/a/the-most-remarkable-woman-ive-ever-met.

⁵ www.reviveourhearts.com.

⁶ www.thetravelingteam.org.

⁷ Adaptado de “Did They Have to Die?” em *Christianity Today* (16/09/1996).